



SIMÕES DE ASSIS

São Paulo



SIMÕES DE ASSIS

inauguração do novo espaço

sábado, 02 de setembro, 11h-17h

opening of the new space

saturday, september 02, 11am-5pm

The Speed of Grace

Amoako Boafo | Anthony Akinbola | April Bey
Bony Ramirez | Deborah Roberts | Derrick Adams
Emanoel Araujo | Hank Willis Thomas
Larissa de Souza | Ludovic Nkoth | Mestre Didi
Serge Attukwei Clottey | Tunji Adeniyi-Jones
Zandile Tshabalala | Zéh Palito

curadoria curated by

Larry Ossei-Mensah

02.09 - 21.10.2023

São Paulo

alameda lorena, 2050

01424-006 sp brasil

+55 11 3062-8980



The Speed of Grace

"A liberdade não se implora, se conquista." - Abdias do Nascimento

"Art has the power to challenge norms, disrupt narratives, and reshape the world." (A arte tem o poder de desafiar normas, disputar narrativas e reformular o mundo.) - Caleb Azumah Nelson, "Open Water"

"The Speed of Grace" é uma exposição coletiva que examina detalhadamente como os artistas visuais que representam o espectro da diáspora africana usam sua prática artística como uma plataforma para aprofundar e expor estruturas críticas que moldam a cultura contemporânea. Esses artistas produzem obras que revigoram caminhos inventivos de expressão cultural e provocam questionamentos, promovendo diversas formas de criatividade que utilizam materiais como fibras de palmeira, durags, sherpa, miçangas e papel de arroz para criar pinturas, esculturas e colagens que desafiam as definições convencionais de arte. Ao ampliar estas perspectivas afro-atlânticas e ao dissipar estereótipos que muitas vezes rotularam injustamente os artistas negros (black and brown)¹ como pouco sofisticados ou naifs, esta exposição presta homenagem à profundidade e complexidade da produção cultural proveniente da diáspora africana. Isto é especialmente digno de nota dados os esforços históricos para obscurecer as suas contribuições inestimáveis para a narrativa da história da arte.

"The Speed of Grace" aventura-se em um campo onde os artistas exploram a consciência coletiva da diáspora, filtrando as suas perspectivas por meio dos prismas do mito, folclore, história, imaginação e experiências pessoais. Cada artista apresentado nesta exposição incorpora o espírito de indivíduos que aproveitaram a sua arte para estabelecer uma contra-narrativa que abrange a autoconsciência, a intimidade e a desenvoltura. A construção deste conjunto de artistas situa a mostra como uma plataforma para pensar coletivamente sobre ideias pan-africanas e imaginar novos futuros encarnados e animados por vozes para aqueles que historicamente existiram à margem. Através da ação coletiva, as comunidades diaspóricas são empoderadas e podem exercer a sua influência para mudar o mundo. Os artistas apresentados em "The Speed of Grace" pensam como suas práticas podem desafiar estruturas de poder estabelecidas, questionar normas sociais e articular perspectivas diferenciadas, não-monolíticas e expansivas sobre as comunidades negras.

O contexto conceitual de "The Speed of Grace" deriva de um retumbante ethos Pan-Africanista. Este movimento procura fortalecer laços de solidariedade entre diversas comunidades nativas e diaspóricas de ascendência africana.

Ao oferecer à comunidade artística brasileira um encontro imersivo com uma diáspora artística africana mais ampla, a exposição tenta ampliar o sistema de raízes que sustenta o tecido da diáspora. Este esforço conecta-se apropriadamente com histórias de experiências negras e indígenas em várias diásporas, ressoando com as identidades multifacetadas dos visitantes, ao mesmo tempo que destaca as camadas compartilhadas que unem a sociedade humana. "The Speed of Grace" apresenta artistas da diáspora, locais e internacionais, que exalam engenhosidade criativa em sua prática. A exposição é ancorada por um ilustre grupo de artistas brasileiros como Larissa de Souza, Zéh Palito, Mestre Didi e Emanuel Araujo, que, por meio de suas práticas, ajudaram cuidadosamente a dar forma à exposição, criando macro e micro conversas entre as obras. Por exemplo, a justaposição de "Oxumaré (2022)", de Emanuel Araújo, e "The 400 Colors of A Pearl/Los 400 Colores de Una Perla (2023)", de Bony Ramirez, instiga um discurso convincente sobre o queer, a cor, a natureza e o misticismo ao lançar mão de abstração geométrica e realismo mágico, respectivamente. Esses momentos, salpicados ao longo da exposição, motivam o espectador a desenvolver vínculos estéticos e conceituais com os trabalhos apresentados, cultivando uma experiência profundamente pessoal e reflexiva.

Baseando-se abertamente na sua herança caribenha, africana e americana, estes artistas exploram um vasto reservatório cultural para criar as suas obras. Seus pontos de vista distintos permitem-lhes entrelaçar memória, curiosidade e um desejo fervoroso de dar origem a novas narrativas em suas criações artísticas. Ao fazer a curadoria do conjunto de artistas apresentados em "The Speed of Grace", tive como objetivo construir uma ponte criativa que transcende as limitações das fronteiras geográficas, conectando artistas do Brasil ao resto da diáspora e vice-versa. Este esforço procura tecer uma intrincada tapeçaria de narrativas e experimentação artística, enriquecendo tanto os artistas como o público. Como ganês-americano de primeira geração, minha jornada pelo Brasil revela continuamente novas camadas da minha consciência, ressaltando as experiências globais compartilhadas por indivíduos negros.

Ao percorrer as paisagens históricas do Brasil através das obras de criativos como Heitor dos Prazeres e Carolina Maria de Jesus, tenho plena consciência de que a fundação do país foi cimentada através da escravização forçada de comunidades indígenas e africanas para o trabalho. A história, lamentavelmente, muitas vezes pintou os negros como ameaçadores e improdutivos, obscurecendo as suas contribuições inestimáveis para a sociedade. "The Speed of Grace" é um poderoso esforço contrário para dissipar essas inverdades. O título da exposição, por si só, serve como um chamado, lembrando-nos da urgência em reconhecer as contribuições indelévels dos afro-brasileiros, africanos, afro-americanos e caribenhos para o tecido social global, contrariando ativamente os esforços históricos que visam apagar essas narrativas. A exposição convida ao diálogo e à introspecção por meio de sua atraente combinação de pinturas, esculturas e instalações, colocando vozes marginalizadas na vanguarda da expressão artística.

"The Speed of Grace" apresenta uma coleção eclética de trabalhos, culminando em uma exposição que cria uma jornada transformadora de exploração do patrimônio, do simbolismo e dos comentários sociopolíticos. Considere-se, por exemplo, a envolvente aproximação de "Flower Vase I (2022)", de Serge Attukwei Clottey, e "Opa Esin Nile Fun Orun - Cetro da Lança da Terra para o Além (2007)", de Mestre Didi, situada na entrada da galeria. Ambos exemplificam o uso engenhoso de materiais "não-tradicionais", repletos de comentários políticos e sociais convincentes. Clottey incorpora engenhosamente galões Kufuor – vestígios de uma crise hídrica durante o regime do ex-presidente de Gana, John Kufuor – transformando-os em pinturas dinâmicas que pulsam com cor e textura. Mestre Didi, por outro lado, utiliza fibras de palma, conchas e contas – cada uma carregando ressonância espiritual – para orquestrar uma sinfonia visual de tensão e beleza. Esta vizinhança, além de evidenciar proezas artísticas, serve como personificação da essência intergeracional e transcultural da exposição. Destaca os intrincados fios que ligam diferentes gerações de artistas e as suas diversas práticas, convidando a novas interpretações das suas contribuições para o cânone artístico. Uma conversa semelhante se desenrola entre a cativante série de colagens de técnica mista de Deborah Roberts, "Mis-Education of Mimi (2013)", "Hystrix Top" de Amoako Bofo (2023) e a pintura evocativa de Larissa de Souza, "Ilusão (2023)". Todas as três obras, embora com abordagens variadas, impulsionam conversas sobre representação, presença e subjetividade. Estes diálogos interligados também despertam a contemplação sobre a beleza, a dinâmica do poder, a identidade e a autoconsciência cultural. Muitos dos artistas da exposição apresentam seus trabalhos no Brasil pela primeira vez, tornando a mostra um campo inestimável para trocar ideias e celebrar a intrincada rede de interconexões conceituais, formais e materiais que suas criações facilitam.

Coletivamente, estes artistas redefinem fronteiras e dissipam estereótipos, criando uma mostra que convida os espectadores a mergulhar nas narrativas multifacetadas da diáspora africana. As suas criações transcendem as limitações geográficas, promovendo conexões através da criatividade partilhada, da resiliência e do compromisso de remodelar os diálogos culturais. "The Speed of Grace" prova o poder da arte para unificar, inspirar e transformar. "Grace" (Graça) encapsula a realeza, elegância e autoconfiança inerentes às identidades dessas comunidades. Apesar dos esforços históricos para apagá-los, a sua proeminência perdura e prospera. Suas criações funcionam como mais do que meros exemplos: são pontes que atravessam divisões culturais e ligam cantos díspares do globo. Estes artistas preenchem a lacuna entre os continentes por meio da criatividade partilhada, dando origem a uma linguagem visual poderosa que transcende as barreiras linguísticas e ressoa universalmente. As suas obras, nascidas de uma resiliência inabalável e de uma determinação inabalável de desafiar as convenções, são meios que canalizam a vibração e a tenacidade da diáspora.

Nas pinceladas, costuras e esculturas, uma força dinâmica une o passado e o presente, apagando as fronteiras que antes separavam culturas e gerações. Alimentados por um compromisso inato de remodelar os diálogos culturais, estes artistas construíram uma exposição que mostra os seus talentos artísticos e encoraja os espectadores a envolverem-se com diversas experiências e narrativas. À medida que o público entra neste mundo imersivo de criatividade, é convidado a participar de uma conversa global para refletir sobre as lutas partilhadas, os triunfos e o legado duradouro da diáspora africana. Em essência, "The Speed of Grace" surge como o epitome do potencial transformador inerente à arte, um testemunho da capacidade da criatividade para transpor lacunas, desafiar normas e cultivar mudanças duradouras.

Larry Ossei-Mensah

¹ No original, o curador Larry Ossei-Mensah emprega um termo duplo, "black and brown".



The Speed of Grace

"A liberdade não se implora, se conquista."

(Freedom is not begged for, it is conquered.) - Abdias do Nascimento

"Art has the power to challenge norms, disrupt narratives, and reshape the world." - Caleb Azumah Nelson, "Open Water"

"The Speed of Grace" is a group exhibition that intricately examines how visual artists who represent the spectrum of the African diaspora employ their artistic practice as a platform to delve into and expound upon critical frameworks shaping contemporary culture. These artists produce works that invigorate inventive avenues of cultural expression and provoke inquiry, celebrating diverse forms of creativity that utilize materials like palm reeds, durags, sherpa, beads, and rice paper to fashion paintings, sculptures, and collages that defy conventional definitions of art. In amplifying these Afro-Atlantic perspectives and dispelling stereotypes that have often unfairly labeled Black and Brown artists as unsophisticated or naive, this exhibition pays homage to the depth and intricacies of cultural production stemming from the African diaspora. This is especially noteworthy given the historical efforts to obscure their invaluable contributions to the narrative of art history.

"The Speed of Grace" ventures into the realm where artists tap into the collective consciousness of the diaspora, filtering their perspectives through the prisms of myth, folklore, history, imagination, and personal experiences. Every artist showcased within this exhibition embodies the spirit of individuals who have harnessed their art to establish a counter-narrative that embraces self-awareness, intimacy, and resourcefulness. The construction of this ensemble of artists situates the show as a platform for collectively thinking about Pan-African ideas and imagining new futures embodied and animated by voices for those who have historically existed on the margins. Through collective action, diasporic communities are empowered and can exert their influence to change the world. The artists featured in "The Speed of Grace" consider how their practices can challenge established power structures, question societal norms, and articulate nuanced, non-monolithic, and expansive perspectives about Black and Brown communities.

"The Speed of Grace" derives its conceptual framework from a resounding Pan-Africanist ethos. This movement seeks to fortify bonds of solidarity among diverse indigenous and diasporic communities of African ancestry. By offering the Brazilian art community an immersive encounter with the broader African art diaspora, the exhibition endeavors to extend the root system that sustains the diaspora's fabric.

This endeavor aptly connects with histories of Black, Brown, and Indigenous experiences across various diasporas, resonating with the multifaceted identities carried by visitors while spotlighting the shared layers that unite human society. "The Speed of Grace" showcases local and international diasporic artists who exude creative ingenuity within their practice. The exhibition is anchored by an illustrious group of Brazilian artists such as Larissa de Souza, Zeh Palito, Mestre Didi, and Emanuel Araújo, all of whom, through their practices, thoughtfully helped give shape to the exhibition, creating macro and micro conversations between artworks. For example, the juxtaposition of Emanuel Araújo's "Sem Título (2022)" and Bony Ramirez's "The 400 Colors of A Pearl/Los 400 Colores de Una Perla (2023)" instigates a compelling discourse about queerness, color, nature, and mysticism by utilizing geometric abstraction and magical realism respectively. These moments, peppered throughout the exhibition, motivate viewers to develop their aesthetic and conceptual bonds with the featured artworks, cultivating a profoundly personal and reflective experience.

Drawing unapologetically from their Caribbean, African, and American heritage, these artists mine a vast cultural reservoir to create their artworks. Their distinctive vantage points enable them to seamlessly weave memory, curiosity, and a fervent desire to birth novel narratives into their artistic creations. In curating the ensemble of artists featured in "The Speed of Grace", I aimed to construct a creative bridge that transcends the limitations of geographical boundaries, connecting artists from Brazil to the rest of the diaspora and vice versa. This endeavor seeks to weave an intricate tapestry of storytelling and artistic exploration, enriching both the artists and the spectators. As a first-generation Ghanaian American, my journey through Brazil continually unveils new layers of my consciousness, underscoring the global experiences shared by Black and Brown individuals. As I traverse Brazil's historical landscapes via the works of creatives like Heitor dos Prazeres and Carolina Maria de Jesus, I am acutely conscious that the country's foundation was cemented through the forced enslavement of indigenous and African communities for labor. History, regrettably, has often painted Black and Brown people as menacing and unproductive, obscuring their invaluable contributions to society.

"The Speed of Grace" is a powerful counter-effort to dispel these untruths. The exhibition title, in itself, serves as a clarion call, reminding us of the urgency in acknowledging the indelible contributions of Afro-Brazilians, Africans, African Americans, and Caribbeans to the global societal fabric, actively countering historical efforts aimed at erasing these narratives. The exhibition invites dialogue and introspection through its compelling display of paintings, sculptures, and installations, placing marginalized voices squarely at the forefront of artistic expression.

"The Speed of Grace" features an eclectic collection of artworks, culminating in an exhibition that creates a transformative journey of exploration into heritage, symbolism, and sociopolitical commentary. Consider, for instance, the engaging juxtaposition of Serge Attukwei Clottey's "Flower Vase I (2022)" and Mestre Didi's "Opa Esin Nile Fun Orun - Cetro da Lança da Terra para o Além (2007)" situated in the front gallery. Both exemplify the ingenious use of 'non-traditional' materials infused with compelling political and social commentary. Clottey ingeniously incorporates Kufuor gallons - vestiges of a water crisis during former Ghana President John Kufuor's regime - transforming them into dynamic paintings pulsating with color and texture. Mestre Didi, on the other hand, employs palm trunk, shells, and beads - each carrying spiritual resonance - to orchestrate a visual symphony of tension and beauty. This juxtaposition, aside from showcasing artistic prowess, serves as an embodiment of the exhibition's intergenerational and transcultural essence. It highlights the intricate threads linking different generations of artists and their diverse practices, inviting fresh interpretations of their contributions to the artistic canon. A similar conversation unfolds between Deborah Roberts' captivating mixed media collage series "Mis-Education of Mimi (2013)", Amoako Bofo's "Hystrix Top" (2023), and Larissa de Souza's evocative painting "Ilusão (2023)." All three works, albeit through varying approaches, propel conversations about representation, presence, and subjecthood. These interconnected dialogues also arouse contemplation about beauty, power dynamics, identity, and cultural self-awareness. Many of the exhibition's artists are showcasing their work in Brazil for the first time, offering them an invaluable platform to exchange ideas and celebrate the intricate web of conceptual, formal, and material interconnections their creations facilitate.

As a collective, these artists redefine boundaries and dispel stereotypes, creating an exhibition that invites viewers to immerse themselves in the multifaceted narratives of the African diaspora. Their creations transcend geographic limitations, fostering connections through shared creativity, resilience, and a commitment to reshaping cultural dialogues.

"The Speed of Grace" proves art's power to unify, inspire, and transform. "Grace" encapsulates the regalness, elegance, and self-assurance inherent in these communities' identities. Despite historical efforts to erase them, their prominence endures and thrives. Their creations act as more than mere exhibits; they are bridges that span cultural divides and connect disparate corners of the globe. These artists bridge the gap between continents through shared creativity, crafting a powerful visual language that transcends language barriers and resonates universally. Their artworks, born from unyielding resilience and an unshakable determination to challenge conventions, are conduits that channel the vibrancy and tenacity of the diaspora.

Within the brushstrokes, stitches, and sculptures, a dynamic force bridges past and present, erasing the boundaries that once separated cultures and generations. Fueled by an innate commitment to reshaping cultural dialogues, these artists have crafted an exhibition that showcases their artistic talents and emboldens viewers to engage with diverse experiences and narratives. As spectators step into this immersive world of creativity, they are invited to partake in a global conversation to reflect on shared struggles, triumphs, and the enduring legacy of the African diaspora. In essence, "The Speed of Grace" emerges as an epitome of the transformative potential inherent in art, a testament to the ability of creativity to bridge gaps, challenge norms, and cultivate lasting change.

Anthony Akinbola



Anthony Olubunmi Akinbola (Columbia, 1991) é um americano de primeira geração criado por pais nigerianos entre os Estados Unidos e a Nigéria. Suas composições em camadas ricamente coloridas celebram e simbolizam as culturas distintas que moldam sua identidade. A marca do artista são as pinturas “camuflagem”, que consistem em trabalhos com um ou vários painéis, utilizando o onipresente du-rag como seu material principal. Universalmente disponível e carregado de um contexto cultural significativo, o du-rag¹ representa para Akinbola um objeto ready-made, que envolve as estratégias conceituais de Marcel Duchamp e outros predecessores artísticos importantes. Em todo o seu trabalho, Akinbola desvenda os rituais e as histórias que conectam a África e a América, abordando o poder da fetichização em torno desses objetos culturais.

Anthony Akinbola foi recentemente selecionado para The Artsy Vanguard 2022, uma reportagem anual que destaca os artistas mais promissores em atuação. Em setembro de 2022, foi premiado com a residência do Silver Arts Project em Nova York e, em 2019, foi premiado com a Van Lier Fellowship e nomeado o oitavo ganhador da bolsa do Museum of Arts and Design Artist, o que resultou em uma exposição individual no museu. Akinbola criou uma colagem de parede monumental para o Queens Museum, em 2018, e foi selecionado para a residência do Anderson Ranch Art Center, em 2017. Seu trabalho foi apresentado em exposições coletivas no Kalamazoo Institute of Arts; no Queens Museum, Nova York; no Bronx River Art Center, Nova York; no Museu de Arte Zuckerman, Kennesaw; e na Verbeke Foundation, Stekene, entre outros. Seu trabalho está incluído em várias coleções, como: Pizzuti Collection, Beth Rudin DeWoody Collection e Everson Museum of Art, Syracuse, entre outras.

¹ Du-rag é um tecido justo, normalmente sintético, amarrado na cabeça para proteger os cabelos. O du-rag é como uma touca que pode ser usada para acelerar o crescimento de cabelos cacheados/crespos, para manter a oleosidade natural do cabelo, ou para evitar que o cabelo, os padrões de onda e as tranças se desfaçam durante o sono. Durags são extensamente populares na cultura afro-americana, sendo usados não apenas como um acessório capilar, mas como um posicionamento de moda e de identidade.

Anthony Olubunmi Akinbola (Columbia, 1991) is a first-generation American raised by Nigerian parents in the United States and Nigeria. His layered, richly colored compositions celebrate and signify the distinct cultures that shape his identity. The artist's signature Camouflage paintings, consisting of single and multi-panel works, utilize the ubiquitous du-rag as their primary material. Universally available and possessed of significant cultural context, the du-rag represents for Akinbola a readymade object that engages the conceptual strategies of Marcel Duchamp and other significant artistic predecessors. Throughout his work, Akinbola unpacks the rituals and histories connecting Africa and America, addressing the power of fetishization around cultural objects.

Anthony Akinbola was recently selected for The Artsy Vanguard 2022, an annual feature spotlighting the most promising artists working today. In September 2022, was awarded the Silver Arts Project residency in New York and, in 2019, he was awarded the Van Lier Fellowship and named the eighth Museum of Arts and Design Artist Fellow, which resulted in a solo exhibition at the museum. Akinbola created a monumental wall collage for The Queens Museum in 2018 and was selected for the Anderson Ranch Art Center Residency in 2017. His work has been featured in group exhibitions at the Kalamazoo Institute of Arts; The Queens Museum, New York; the Bronx River Art Center, New York; The Zuckerman Museum of Art, Kennesaw; and The Verbeke Foundation, Stekene, amongst others. His work is included in several collections, including: Pizzuti Collection, Beth Rudin DeWoody Collection, and Everson Museum of Art, Syracuse, amongst others.

Anthony Akinbola

Lot, 2023

durags, acrílico sobre painel de madeira

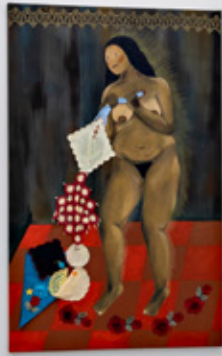
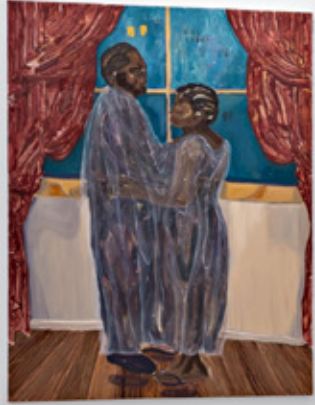
durags, acrylic on wood panel

182,9 x 182,9 cm

72 x 72 in









Larissa de Souza

Larissa de Souza (São Paulo, 1995) é artista autodidata. Em sua pintura, majoritariamente figurativa, concentra-se na imagem da mulher afro-diaspórica – seu universo particular e coletivo –, navegando entre a memória, o corpo, o desejo e a ancestralidade. Utilizando tinta acrílica, Souza retrata cenas afetivas que destacam a importância da experiência negra em seu testamento poético, questionando o silenciamento da população negra pelo pensamento colonial e escutando a ancestralidade inscrita no corpo. Sua pintura carrega a história das mulheres de sua linhagem e a força de muitas outras. A artista explora um universo cromático muito singular, marcado por texturas e também aplicações como bordados, ladrilhos e tecidos que integram a composição.

Participou das exposições “Larissa de Souza: Paredes Que Contam Histórias” (2023), Albertz Benda, Nova York, Estados Unidos; “Do You See Me?” (2023), House Albertz Benda and Friedman Benda, Los Angeles, Estados Unidos; “Karingana – Presenças negras no livro para as infâncias” (2023), Sesc Bom Retiro, São Paulo, Brasil; “Dos Brasis – Arte e Pensamento Negro” (2023), Sesc Belenzinho, São Paulo, Brasil; “Por muito tempo acreditei ter sonhado que era livre” (2022), Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil; “Histórias Brasileiras” (2022), MASP, São Paulo, Brasil; “Coleção MAR + Enciclopédia Negra” (2022), Museu de Arte do Rio, Brasil; “Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro”, Museu do Inhotim (2022), Brumadinho, Brasil; entre outras. Possui trabalhos nos acervos do Museu de Arte do Rio – MAR, Rio de Janeiro; e Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand - MASP, São Paulo.

Larissa de Souza (São Paulo, 1995) is a self-taught artist. In her painting, mostly figurative, she focuses on the image of the Afro-diasporic woman – her private and collective universe –, navigating between memory, body, desire and ancestry. Using acrylic paint, Souza portrays affective scenes that highlight the importance of the black experience in her poetic testament, questioning the silencing of the black population by colonial thought and listening to the ancestry inscribed in the body. Her painting carries the history of the women of her lineage and the strength of many others. The artist explores a very unique chromatic universe, marked by textures and appliquéés such as embroidery, tiles and fabrics that make up the composition.

She participated in the exhibitions “Larissa de Souza: Paredes Que Contam Histórias” (2023), Albertz Benda, New York, USA; “Do You See Me?” (2023), House Albertz Benda and Friedman Benda, Los Angeles, USA; “Karingana – Presenças negras no livro para as infâncias” (2023), Sesc Bom Retiro, São Paulo, Brazil; “Dos Brasis – Arte e Pensamento Negro” (2023), Sesc Belenzinho, São Paulo, Brazil; “Por muito tempo acreditei ter sonhado que era livre” (2022), Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil; “Histórias Brasileiras” (2022), MASP, São Paulo, Brazil; “Coleção MAR + Enciclopédia Negra” (2022), Museu de Arte do Rio, Brazil; “Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro”, Museu do Inhotim (2022), Brumadinho, Brazil; among others. She has works in the collections of Museu de Arte do Rio – MAR, Rio de Janeiro; and Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand - MASP, São Paulo.

Larissa de Souza

Ilusão, 2023

acrílica, lápis de cor e aplicações sobre linho
acrylic, colored pencils and applications on linen

158 x 100 cm

62 ¹³/₆₄ x 39 ³/₈ in







Ludovic Nkoth (Camarões, África Ocidental, 1994) mudou-se para os Estados Unidos aos 13 anos de idade e atualmente vive e trabalha em Nova York. O artista é formado pela Universidade da Carolina do Sul e tem mestrado pela Hunter College de Nova York. A mudança para os Estados Unidos teve um impacto profundo em sua poética, lançando luz sobre questões de identidade e a sensação de deslocamento que vem de crescer como “um estranho em uma terra estranha”. Suas pinturas oferecem uma revisão complexa, porém muito particular, da história de sua família, como um retrato íntimo da África – culturas antes e depois da colocalização, costumes e ideologias do continente e de sua diáspora. As criações artísticas de Nkoth capturam a essência da experiência negra com uma profundidade emocional inigualável, que ressoa com a vida diaspórica e a rica história de sua herança. Cada um de seus retratos realizados por meio de um espesso empastado é uma porta de entrada para um mundo de cores e texturas.

Nkoth participou de exposições como *Fire Figure Fantasy*, ICA Miami (2022); *Self-Addressed*, com curadoria de Kehinde Wiley, Jeffrey Deitch, Los Angeles (2021); *FIAC Paris*, François Ghebaly Gallery (2021); *Figures and Portraits*, Massimo De Carlo Gallery, Londres e Paris (2021); *KUNST IST. 25 anni di Merano*, Arte Kunst Merano Arte Museum, Merano (2021); *REFLECTIONS: Human/Nature*, Gana Art Gallery, Seoul (2021); *BLACKVOICES/BLACKMICROCOSM*, CFHILL, Estocolmo (2020); *Parallels and Peripheries*, com curadoria de Larry Ossei-Mensah, Visarts Maryland (2019); e *Family Portrait*, Hunter College, Nova York (2019).

Ludovic Nkoth (Cameroon, West Africa, 1994) moved to the United States at the age of 13, and now lives and works in New York. He holds a BFA from the University of South Carolina, and an MFA from Hunter College NYC. The relocation to the United States has had an impact on his poetics and throws light on issues of identity and the sense of displacement that comes from growing up as “a stranger in a strange land.” His paintings offer a complex yet very particular review of his family history, an intimate picture of Africa – cultures before and after colocalization, customs, and ideologies of the continent and its diaspora. Nkoth’s artistic creations capture the essence of the Black experience with an unparalleled emotional depth that resonates with the diasporic life and the rich history of his heritage. Each of his thickly impastoed portraits is a gateway into a world of color and texture.

Nkoth participated in exhibitions such as *Fire Figure Fantasy*, ICA Miami (2022); *Self-Addressed*, curated by Kehinde Wiley, Jeffrey Deitch, Los Angeles (2021); *FIAC Paris*, François Ghebaly Gallery (2021); *Figures and Portraits*, Massimo De Carlo Gallery, London and Paris (2021); *KUNST IST. 25 anni di Merano*, Arte Kunst Merano Arte Museum, Merano (2021); *REFLECTIONS: Human/Nature*, Gana Art Gallery, Seoul (2021); *BLACKVOICES/BLACKMICROCOSM*, CFHILL, Stockholm (2020); *Parallels and Peripheries*, curated by Larry Ossei-Mensah, Visarts Maryland (2019); and *Family Portrait*, Hunter College, New York (2019).



Ludovic Nkoth
This too is, 2023
acrílico sobre linho
acrylic on linen
162 x 114 cm
63.78 x 44.88 in





Amoako Bofo (Acra, 1984) é inovador em sua abordagem à apresentação de corpos negros, reenquadrando e realinhando suas disposições, apesar do contexto global mais amplo que envolve a cultura negra. Aclamado por seus atraentes retratos pintados com os dedos, o trabalho de Bofo tornou-se um marco no subconjunto pictórico da história da arte. Por meio de retratos marcantes, muitas vezes monocromáticos e diretos, Bofo se envolve em uma proximidade íntima com seus personagens. As figuras sustentam com firmeza um olhar inabalável enquanto miram o observador com uma compleição austera. Os retratados são normalmente isolados em fundos de uma única cor e os espectadores não têm para onde olhar senão para suas figuras, deixando pouco espaço para interpretações equivocadas. Esses tableaux vivants são amplamente reconhecidos, tanto fisicamente em relação ao tamanho quanto espiritualmente em termos de grandeza.

Bofo estudou na Academia de Belas Artes de Viena (Áustria) e, em 2017, foi contemplado com o prêmio do júri, Walter Koschatzky Art Prize. Seu trabalho tem sido extensamente adquirido por coleções públicas e privadas, mais recentemente pelos museus Leopold Museum (Viena, Áustria), Los Angeles County Museum of Art (Los Angeles, Califórnia) e Solomon R. Guggenheim Museum (Nova York). Seu trabalho já foi exibido em instituições como o Volksunde Museum (Viena, Áustria), Kunsthalle Vienna (Viena, Áustria), Mumok (Viena, Áustria) e The Bass Museum (Miami, Flórida), entre outras.

Amoako Bofo (Accra, 1984) is innovative in his approach to the presentation of Black bodies, reframing and realigning their dispositions despite the larger global context surrounding Black culture. Acclaimed for his enticing finger-painted portraits, Bofo's work has become landmarked in the pictorial subset of art history. Through striking, often monotone and direct, portraits, Bofo engages in an intimate closeness with his subjects. The figures gaze with unwavering firmness as they look to the viewer with stern disposition. Typically isolated on single color backgrounds, viewers have nowhere to look but at the subjects, leaving little room for misinterpretation. His tableaux vivants are placed at a high recognition, both physically regarding their size and spiritually in terms of their grandeur.

Bofo studied at the Academy of Fine Arts, Vienna (Austria) and in 2017 was awarded with the Walter Koschatzky Art Prize. His work has been widely placed in private and public collections, most recently acquired by the Leopold Museum (Vienna, Austria), Los Angeles County Museum of Art (Los Angeles, California), and Solomon R. Guggenheim Museum (New York, New York). His paintings have been exhibited in institutions such as the Volksunde Museum (Vienna, Austria), Kunsthalle Vienna (Vienna, Austria), Mumok (Vienna, Austria), and The Bass Museum (Miami, Florida), among others.

Amoako Bofo
Hystrix Top, 2023
óleo sobre tela e papel de arroz
oil on canvas and paper rice
91,44 x 91,44 cm
36 x 36 in







Zandile Tshabalala



Zandile Tshabalala (Soweto, África do Sul, 1999) estudou na Universidade de Witwatersrand, em Johannesburgo. Ela desafia o papel periférico das mulheres negras na história da arte, inserindo-as no cânone que as marginalizou ou mesmo as rejeitou completamente. A artista notou um padrão em que, nas pinturas, a mulher negra era geralmente colocada em segundo plano e começava a desaparecer, quase como se não estivesse presente, ou era então colocada em situações comprometedoras que reforçavam a ideia de que a mulher negra é inferior e deve ser marginalizada. Tshabalala sentiu uma forte necessidade de desafiar essas ideias e devolver a voz da mulher negra em suas pinturas, colocando a figura feminina negra em uma posição poderosa que lhe permite controlar o próprio corpo e o olhar que é trocado entre ela e o espectador.

Tshabalala realizou diversas exposições coletivas e individuais, incluindo: Africa Supernova, Kunsthalle Kade, Amersfoort (2023); FEMME FATALE. Blick – Macht – Gender, Hamburger Kunsthalle, Hamburgo (2022); When We See Us, Zeitz MOCAA Museum, Cidade do Cabo (2022); In search of my mother's garden, Kunstmuseum Kloster Unser Lieben Frauen, Magdeburg (2022); Lovers in a secret place, BKHz Gallery, Johannesburgo (2022); Zandile Tshabalala, Kaiserringstipendiatiin 2021, Mönchehaus Museum, Goslar (2021); beautiful experiment(s), com curadoria de Azu Nwagbogu, Galerie Nagel Draxler, Berlim (2021); Enter Paradise, ADA Contemporary, Acra (2021); Thread – Zandile Tshabalala x Qhamanande Maswana, com curadoria de Togo Ntokozo Langa, mmARTHouse, Johannesburgo (2021); e Colour in Art Exhibition, The Project Space, Johannesburgo (2021).

Zandile Tshabalala (Soweto, South Africa, 1999) studied at the University of Witwatersrand in Johannesburg. She challenges the peripheral role of Black women in art history, inserting them into the canon that marginalized or rejected them outright. The artist noticed a pattern whereby the black woman in paintings was usually placed at the background and started to disappear almost as if she was not present or is placed in compromising situations that reinforced the idea that black women are inferior and should be marginalized. Tshabalala felt a strong need to challenge these ideas and give back the black woman's voice in her paintings by placing the black female figure in a powerful position that allows her to be in control of her own body and the gaze that is exchanged between her and the viewer.

Tshabalala participated in the exhibitions Africa Supernova, Kunsthalle Kade, Amersfoort (2023); FEMME FATALE. Blick – Macht – Gender, Hamburger Kunsthalle, Hamburg (2022); When We See Us, Zeitz MOCAA Museum, Cape Town (2022); In search of my mother's garden, Kunstmuseum Kloster Unser Lieben Frauen, Magdeburg (2022); Lovers in a secret place, BKHz Gallery, Johannesburg (2022); Zandile Tshabalala, Kaiserringstipendiatiin 2021, Mönchehaus Museum, Goslar (2021); beautiful experiment(s), curated by Azu Nwagbogu, Galerie Nagel Draxler, Berlin (2021); Enter Paradise, ADA Contemporary, Accra (2021); Thread – Zandile Tshabalala x Qhamanande Maswana, curated by Togo Ntokozo Langa, mmARTHouse, Johannesburg (2021); and Colour in Art Exhibition, The Project Space, Johannesburg (2021).



Zandile Tshabalala
A Graceful Becoming, 2023
acrílica sobre tela
acrylic on canvas
120 x 90 x 5 cm
47 1/4 x 35 7/16 x 1 31/32 in



Bony Ramirez



Bony Ramirez (Tenares, 1996) atualmente trabalha em Jersey City, Nova Jersey. A sua formação em uma área rural na República Dominicana, os seus primeiros encontros com o imaginário católico e o seu profundo interesse por fontes tão variadas como o maneirismo italiano, os retratos renascentistas e as ilustrações infantis reverberam dentro e à volta das personagens fictícias que o artista cria. Se cada figura parece ser transposta para um teatro mutável de ambientes e cenários simbólicos, é a técnica do artista que torna isso possível. Ramirez cria as suas figuras fortemente estilizadas e proporcionalmente distorcidas em papel e as cola em painéis de madeira com cenários idílicos e coloridos de imaginário caribenho. À medida que suas personagens – desenvolvidas separadamente e simultaneamente em bastão de óleo, tinta e lápis de cor – vão aparecendo nas suas obras, o mesmo acontece com vários outros apêndices simbólicos.

Ramirez utiliza uma variedade de objetos que complementam o carácter lúdico e idílico da sua obra, como, por exemplo, contas coloridas, ou por vezes com o intuito gerar contraste, espeta com violências facas verdadeiras nas telas. Bony Ramirez já expôs em espaços como Bradley Ertaskiran, Montreal, Canadá; François Ghebaly, Los Angeles, EUA; Bank/MabSociety, Xangai, China; Jeffrey Deitch, Nova York, EUA; entre outros. Foi reconhecido na categoria Forbes 30 Under 30 Arts & Style em 2023, e pelo The Artsy Vanguard 2021. O seu trabalho foi recentemente adquirido pela coleção permanente do Institute of Contemporary Art Miami, bem como pelo Boston Museum of Fine Arts, pelo Frye Art Museum, pelo Perez Art Museum Miami, e pelo X Museum, em Pequim.

Bony Ramirez (Tenares, 1996) currently works in Jersey City, New Jersey. His rural upbringing in the Dominican Republic, his first encounters with Catholic imagery, and his deep interest in sources as varied as Italian mannerism, Renaissance portraiture, and children's illustrations reverberate within and around the fictional characters he creates. If each figure appears to be transposed into a changing theatre of symbolic surroundings and backdrops, it is the artist's technique that renders this possible. Ramirez creates his heavily stylized, proportionally distorted figures on paper, and adheres them onto wood panels featuring idyllic, colorful backdrops of Caribbean imagery. As Ramirez's characters – developed separately and simultaneously in oil stick, paint, and colored pencil – make their way onto his works, so do various other symbolic appendages.

Ramirez uses a variety of objects which either complement the playfulness and idyllicism of his work, such as colorful beads, or contrast it by penetrating it with violence, such as real knives stabbed into the canvas. Bony Ramirez has exhibited at Bradley Ertaskiran (Montreal), François Ghebaly (Los Angeles), Bank/MabSociety (Shanghai), Jeffrey Deitch (New York), among others, and was recognized in the Forbes 30 Under 30 Arts & Style category in 2023, and The Artsy Vanguard 2021. His work has recently been acquired by the permanent collection of the Institute of Contemporary Art Miami, as well as the Boston Museum of Fine Arts, the Frye Art Museum, the Perez Art Museum Miami, and the X Museum in Beijing.



Bony Ramirez

The 400 Colors of A Pearl/

Los 400 Colores de Una Perla, 2023

acrílico, pastel de óleo macio, lápis de cor, marcador de
folha de ouro e papel Bristol sobre painel de madeira

acrylic, soft oil pastel, color pencil, gold leaf marker
and Bristol paper on wood panel

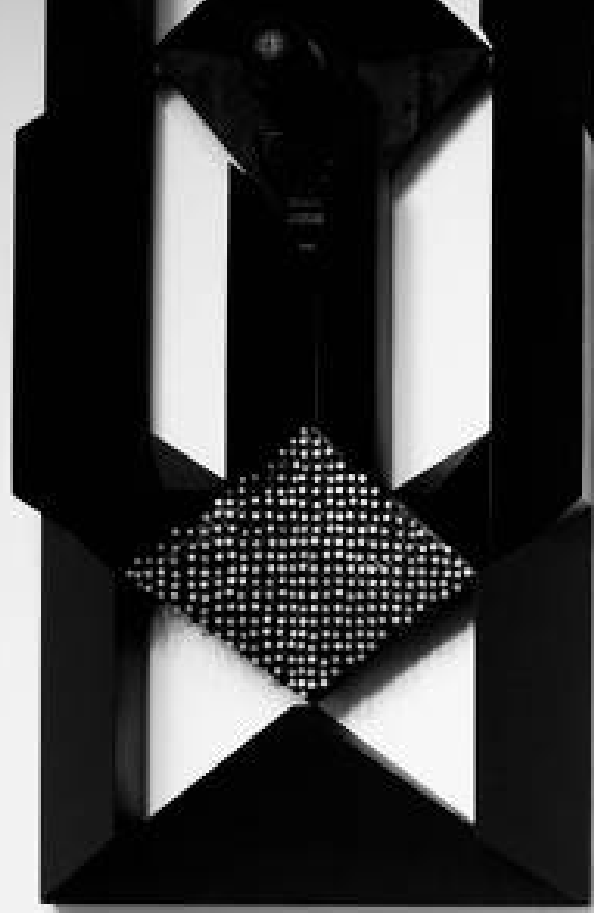
182,88 x 152,4 cm

72 x 60 in



Bony Ramirez
Siempre en Guardia, 2023
acrílico, madeira, parafusos de metal,
chifres de touro, armadilha para animais de metal
acrylic, wood, metal screws, bull horns, metal animal trap
109,22 x 132,08 x 63,5 cm
43 x 52 x 25 in





Emanoel Araujo

Emanoel Araujo (Santo Amaro da Purificação, 1940 - São Paulo, 2022) foi um dos mais relevantes artistas brasileiros, além de curador, colecionador e museólogo. Por meio de cores fortes, texturas e ênfase em formas geométricas, o artista explorou a presença da herança africana na cultura brasileira. As obras de Araujo são sustentadas por uma dupla tradição - a da geometria, redescoberta durante sua passagem pela Nigéria, revelando as raízes de uma abstração que não está ancorada no legado europeu; e a do simbolismo, incorporada principalmente na série "Orixás": esculturas que representam seres divinos, cada um associado a elementos distintos da natureza. Formas gráficas, objetos e gestos traduzem algo maior, uma dimensão expandida e transcendente que se concentra em símbolos muito precisos. Araujo também desenvolveu um extenso conjunto de obras públicas e esculturas de grande porte, como a que figura no jardim do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Ele também dirigiu a Pinacoteca do Estado de São Paulo por uma década (1992-2002) e fundou o Museu Afro Brasil em 2004, onde trabalhou como diretor-curador até sua morte. Em setembro de 2023, a Galeria Jack Shainmann sediará uma grande exposição de obras históricas e recentes do artista.

As obras de Araujo integram algumas das mais importantes coleções do mundo, como: LACMA, Los Angeles; Art Institute of Chicago; MFA Boston; Dallas Museum of Art; Tate Modern, Londres; Rockefeller Foundation, Nova York; Museum of Sydney; Museu de Arte da Bahia, Salvador; Museu Brennand, Pernambuco; Museu de Pernambuco, Recife; Museu de Arte de Brasília; Palácio do Itamaraty, Brasília; Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro; Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro; MASP - Museu de Arte de São Paulo; Museu de Arte Contemporânea, São Paulo; Pinacoteca do Estado de São Paulo; e Museu Afro Brasil, São Paulo.

Emanoel Araujo (Santo Amaro da Purificação, 1940 - São Paulo, 2022) was one of the most relevant Brazilian artists, as well as a curator, collector and museologist. Through strong colors, textures, and emphasis on geometric shapes, the artist explored the presence of African heritage in Brazilian culture. Araujo's works are sustained by a dual tradition – one of geometry, rediscovered during his stay in Nigeria, revealing the roots of an abstraction that is not based on an European legacy; and one of symbolism, embodied mainly in the "Orixás" (Orishas) series: sculptures that represent divine beings, each one associated with distinct elements of nature. Graphic shapes, objects and gestures translate something greater, an expanded and transcendent dimension that is concentrated in very precise symbols. Araujo had also developed an extensive body of public works and large-scale sculptures, such as the one featured in the garden of the Museu de Arte Moderna de São Paulo. He also directed the Pinacoteca do Estado de São Paulo for a decade (1992-2002) and founded the Museu Afro Brasil in 2004, acting as the institution's Curator-Director until his death. In September of 2023, Jack Shainmann Gallery will host a major show of historical and recent pieces by the artist.

Araujo's works are part of some of the world's most important collections, such as: LACMA, Los Angeles; Art Institute of Chicago; MFA Boston; Dallas Museum of Art; Tate Modern, London; Rockefeller Foundation, New York; Museum of Sydney; Museu de Arte da Bahia, Salvador; Museu Brennand, Recife; Museu de Pernambuco, Recife; Museu de Arte de Brasília; Palácio do Itamaraty, Brasília; Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro; Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro; MASP - Museu de Arte São Paulo; Museu de Arte Contemporânea, São Paulo; Pinacoteca do Estado de São Paulo; and Museu Afro Brasil, São Paulo.

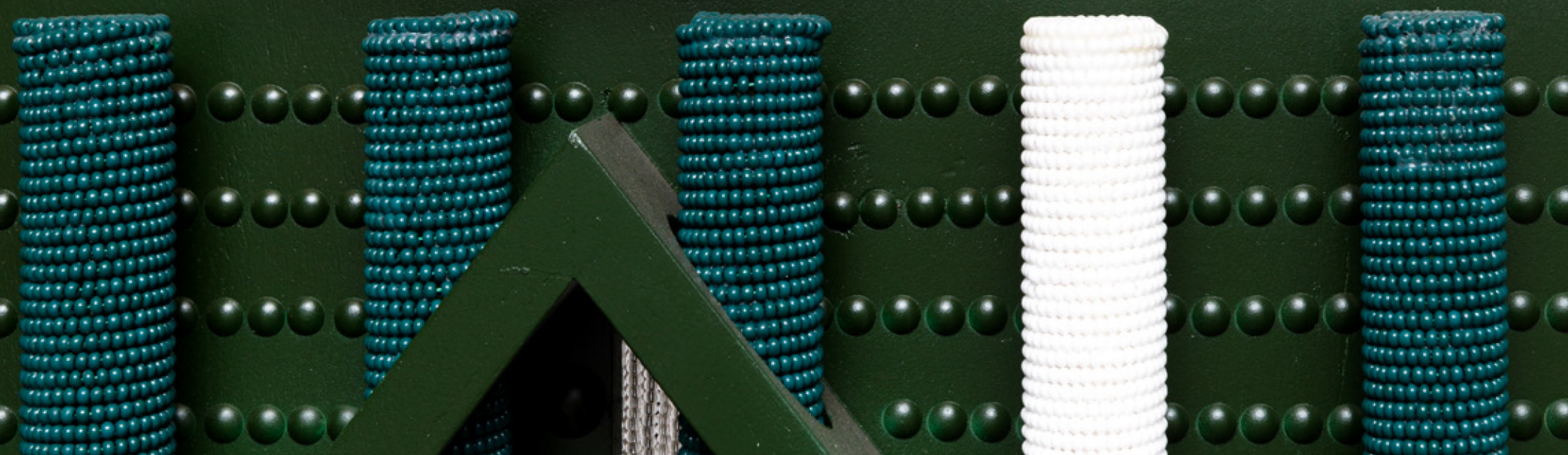
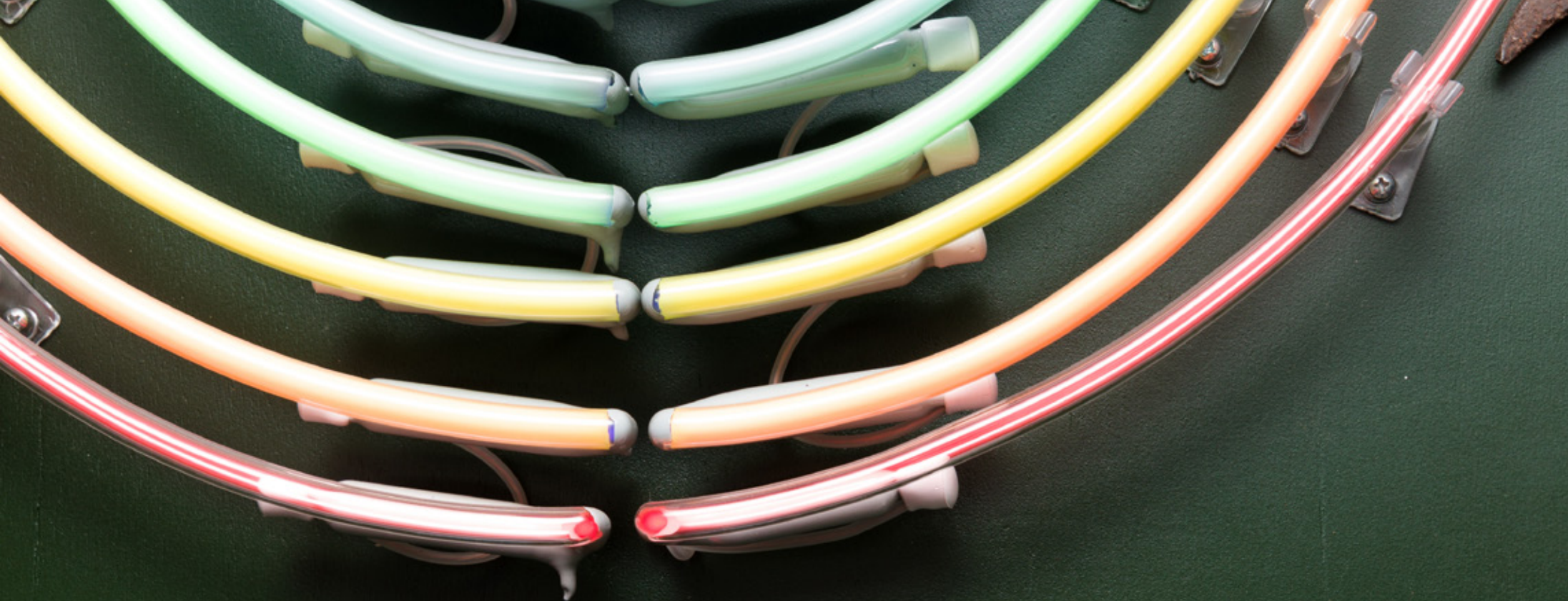


Emanuel Araujo
Oxumaré, 2022

madeira, tinta automotiva, ferro, neon e miçangas
wood, automotive paint, iron, neon and beads

222 x 60 x 32.5 cm

87 ¹³/₃₂ x 23 ⁵/₈ x 12 ⁵¹/₆₄ in





Tunji Adeniyi-Jones

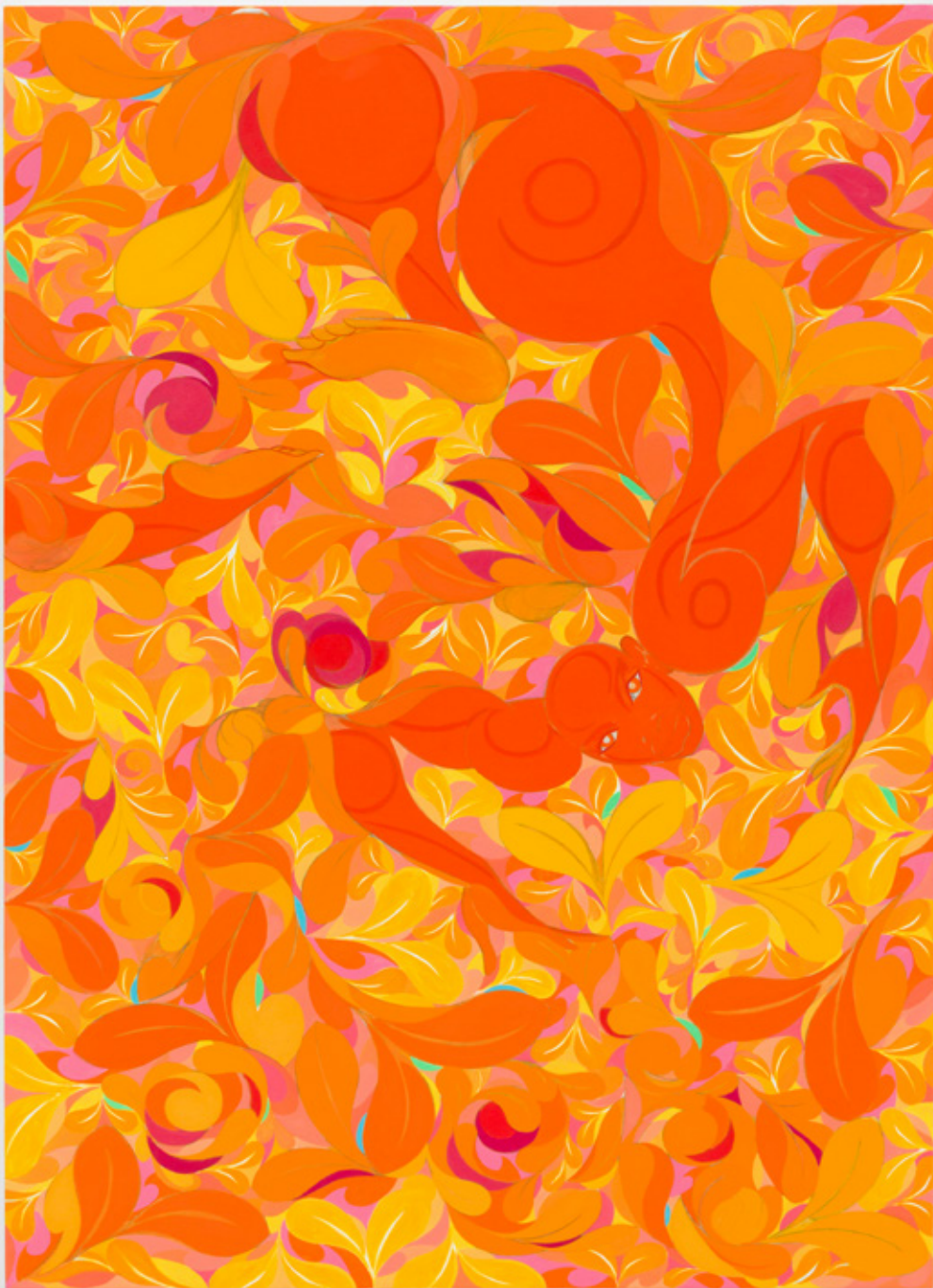


Tunji Adeniyi-Jones (Londres, 1992) recebeu um BFA da The Ruskin School of Art, Universidade de Oxford, em 2014, e um MFA da Yale University School of Art, em 2017. Atualmente ele vive e trabalha em Nova York. Inspirado pela sua herança Yorubá e pela história e folclore antigos da África Ocidental, as pinturas cheias de cor do artista retratam o corpo como um dispositivo narrativo. Ao mudar para os Estados Unidos, conheceu as obras de Bob Thompson, Barkley Hendricks e outros pintores figurativos negros americanos, descobertas essas impactaram profundamente sua poética. Tomando a mitologia da África Ocidental como fonte de inspiração, o artista apresenta uma estética distinta, uma abordagem quase gráfica caracterizada por corpos andróginos negros em movimento, inseridos em motivos e padronagens rodopiantes. Sua influência mais direta foi a arte pop, especialmente as novelas gráficas e histórias em quadrinhos impressas. Até certo ponto, as figuras representam o artista, todas as mãos pintadas são baseadas nas suas próprias; mas, em outra escala, Adeniyi-Jones utiliza a dança, o movimento e os gestos expressivos para criar uma narrativa sobre a forma como os corpos negros navegam no espaço.

Suas exposições individuais recentes incluem: Deep Dive, White Cube Hong Kong (2023); Spotlight, FLAG Art Foundation, Nova York (2023); Tranquil Dive, Morán Morán, Cidade do México (2023); Emergent Properties, Nicelle Beauchene Gallery, Nova York (2022); Voix Intérieures, White Cube, Paris (2022), entre outras. O artista integrou diversas coletivas, incluindo: PUBLIC PRIVATE, Pond Society, Xangai (2023); Sounds of Blackness, Metropolitan Museum of Manila (The M) (2023); When We See Us: A Century of Black Figuration in Painting, Zeitz MOCAA, Cidade do Cabo (2022); In Our Time: Selections from the Singer Collection, Scottsdale Museum of Contemporary Art (2022); Out of the Fire: The 14th Dakar Biennale (2022); Fire Figure Fantasy: Selections from the ICA Miami's Collection (2022); All Things Bright and Beautiful, Birmingham Museum of Art (2022); entre outras. O trabalho de Adeniyi-Jones está incluído em coleções permanentes importantes, como: Aishti Foundation, Líbano; the Dallas Museum of Art; the Nasher Museum of Art, Durham; Institute of Contemporary Art, Miami; The Studio Museum in Harlem, Nova York; entre outros. Em 2024, o artista participará da Bienal de Veneza, integrando a mostra coletiva realizada no Pavilhão da Nigéria.

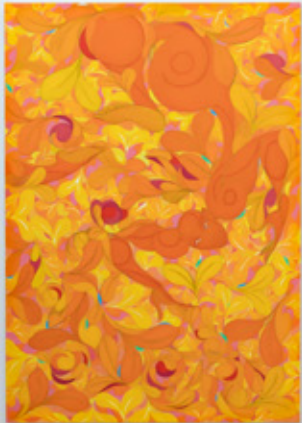
Tunji Adeniyi-Jones (London, 1992) received a BFA from The Ruskin School of Art, University of Oxford in 2014, and an MFA from Yale University School of Art in 2017. He currently lives and works in New York. Inspired by his Yoruba heritage and the ancient history and folklore of West Africa, the artist's colorful paintings treat the body as a narrative device. In the US, he encountered the works of Bob Thompson, Barkley Hendricks and other Black American figurative painters, discoveries which had a profound impact on his own poetics. He draws inspiration from West African mythology, displaying a distinctive aesthetic, an almost graphic approach characterized by androgynous black and brown bodies in motion, embedded in swirling, patterned motifs. His most direct influence was pop art, especially print graphic novels and comics. To a certain extent, the figures represent the artist, all the hands depicted are based on his own; but to a larger extent, the artist uses dance, movement and expressive gestures to create a narrative about how Black bodies navigate space.

Recent solo exhibitions include Deep Dive, White Cube Hong Kong (2023); Spotlight, FLAG Art Foundation, New York (2023); Tranquil Dive, Morán Morán, Mexico City (2023); Emergent Properties, Nicelle Beauchene Gallery, New York (2022); Voix Intérieures, White Cube, Paris (2022) among others. His work has been included in numerous group exhibitions, including PUBLIC PRIVATE, Pond Society, Shanghai (2023); Sounds of Blackness, Metropolitan Museum of Manila (The M)(2023); When We See Us: A Century of Black Figuration in Painting, Zeitz MOCAA, Cape Town (2022); In Our Time: Selections from the Singer Collection, Scottsdale Museum of Contemporary Art (2022); Out of the Fire: The 14th Dakar Biennale (2022); Fire Figure Fantasy: Selections from the ICA Miami's Collection (2022); All Things Bright and Beautiful, Birmingham Museum of Art (2022). Adeniyi-Jones's work is included in important collections, such as: the Aishti Foundation, Lebanon; the Dallas Museum of Art; the Nasher Museum of Art, Durham; Institute of Contemporary Art, Miami; The Studio Museum in Harlem, New York; among others. In 2024, the artist will participate in the Venice Biennale, part of the group show held at the Nigerian Pavilion.



Tunji Adeniyi-Jones
Sem Título (Orange Dive), 2023
óleo sobre tela
oil on canvas
187,96 x 132,08 cm
74 x 52 in







Hank Willis Thomas

Hank Willis Thomas (Plainfield, 1976) é um artista conceitual que vive e trabalha no Brooklyn, Nova York. Ele lida principalmente com temas relacionados à perspectiva, identidade, mercadoria, mídia e cultura popular. Nos últimos anos, sua prática incorporou uma variedade de mídias, incluindo espelhos e vinil retrorrefletivo – um material industrial raramente usado nas artes – para desafiar perspectivas, explorando imagens de protesto do século 20 e narrativas históricas muitas vezes negligenciadas. O artista tem formação em fotografia, e muitas dessas imagens de protesto são ativadas pela fotografia com flash, jogando com a inversão de papéis, fazendo com que o espectador assuma a posição de criador da imagem. Ao adicionar várias camadas ocultas, Thomas também pede ao espectador que considere quem está incluído na história e quem é apagado, revelando a natureza complicada da narrativa e o viés História. Além disso, suas obras públicas sempre encorajam uma forma de participação e contribuição do espectador. Em 2019, Thomas instalou a obra permanente "Unity", no Brooklyn, Nova York. Em 2017, o neon permanente "Love Over Rules" foi instalado em San Francisco e "All Power to All People" em Opa Locka.

O trabalho de Thomas foi exibido no Philadelphia Photo Arts Center (2008); Baltimore Museum of Art (2009); International Center of Photography, New York (2013); California African American Museum, Los Angeles (2016); e SCAD Museum of Art, Savannah (2017). Seu trabalho foi incluído em importantes exposições coletivas no International Center of Photography, Nova York (2013); Museu Guggenheim Bilbao, Espanha (2015); Brooklyn Museum, Nova York (2016); e o Zeitz Museum of Contemporary Art Africa, Cidade do Cabo (2016), entre outros. Seu trabalho integra várias coleções públicas em todo o mundo, incluindo a Kadist Art Foundation, Paris; San Francisco Museum of Modern Art; Smart Museum of Art, Chicago; Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York; e o Whitney Museum of American Art, Nova York. Thomas recebeu o Gordon Parks Foundation Fellowship (2019), The Guggenheim Fellowship (2018), AIMIA | AGO Photography Prize (2017), Soros Equality Fellowship (2017), Renew Media Arts Fellowship da Rockefeller Foundation (2007) e New York Foundation for the Arts Fellowship Award (2006).

Hank Willis Thomas (Plainfield, 1976) is a conceptual artist who lives and works in Brooklyn, New York. He deals primarily with themes related to perspective, identity, commodity, media, and popular culture. Over the past several years, his practice incorporated a variety of media, including mirrors and retroreflective vinyl – an industrial material rarely used in the arts – to challenge perspectives, exploring 20th century protest images and often overlooked historical narratives. The artist is a trained photographer, and many of these protest images are activated by flash photography playing with role reversal by having the viewer step into the position of image maker. By adding multiple, hidden layers, Thomas also asks the viewer to consider who is included in history and who is erased, revealing the complicated nature of storytelling and the bias of history. Furthermore, his public works always encourage a form of viewer participation and contribution. In 2019, Thomas installed his permanent work "Unity" in Brooklyn, New York. In 2017, "Love Over Rules" permanent neon was installed in San Francisco and "All Power to All People" in Opa Locka.

Thomas' work has been exhibited at the Philadelphia Photo Arts Center (2008); Baltimore Museum of Art (2009); International Center of Photography, New York (2013); California African American Museum, Los Angeles (2016); and SCAD Museum of Art, Savannah (2017). His work has been included in important group exhibitions at the International Center of Photography, New York (2013); Guggenheim Museum Bilbao, Spain (2015); Brooklyn Museum, New York (2016); and the Zeitz Museum of Contemporary Art Africa, Cape Town (2016), among others. His work is held in numerous public collections worldwide, including the Kadist Art Foundation, Paris; San Francisco Museum of Modern Art; Smart Museum of Art, Chicago; Solomon R. Guggenheim Museum, New York; and the Whitney Museum of American Art, New York. Thomas is a recipient of the Gordon Parks Foundation Fellowship (2019), The Guggenheim Fellowship (2018), AIMIA | AGO Photography Prize (2017), Soros Equality Fellowship (2017), Renew Media Arts Fellowship from the Rockefeller Foundation (2007), and the New York Foundation for the Arts Fellowship Award (2006).



Hank Willis Thomas

"This Ain't America, You Can't Fool Me", 2020

porcelana esmaltada à mão

hand glazed porcelain

22,86 x 38,1 x 15,24 cm, ed. 5/5 + 2 APs

9 x 15 x 6 in



Hank Willis Thomas

The Embrace, 2023

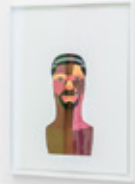
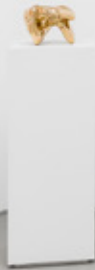
bronze polido

polished bronze

20 x 24.8 x 23.2 cm, ed. 30/50 + 10 APs

7 ⁷/₈ x 9 ³/₄ x 9 ¹/₈ in







Derrick Adams

Derrick Adams (Baltimore, 1970) é um artista multidisciplinar que vive e trabalha no Brooklyn, Nova York. É graduado pela Pratt University (1996) e possui mestrado pela Columbia University (2003). Adams celebra e expande o diálogo sobre a vida e a cultura negra contemporânea por meio de cenas de normalidade e perseverança. Ele desenvolve uma iconografia de alegria, lazer e busca da felicidade em uma prática que abrange pinturas, esculturas, colagens, performances, vídeos e projetos públicos. Adams sintetiza imagens representativas com geometria cubista plana para produzir figuras e rostos multifacetados que abordam a riqueza da experiência negra. Em 2022, Adams fundou a Charm City Cultural Cultivation, uma organização para apoiar e incentivar comunidades carentes na cidade de Baltimore por meio de eventos realizados por três entidades: The Last Resort Artist Retreat, um programa de residência artística; The Black Baltimore Digital Database, um espaço colaborativo contra-institucional para coletar, armazenar e guardar os dados de iniciativas de arquivos locais; e Zora's Den, uma comunidade on-line de escritoras negras.

O artista realizou individuais em instituições como The Cleveland Museum of Art (2022); Hudson River Museum, Yonkers (2020); e Museum of Arts and Design, Nova York (2018). Adams montou instalações públicas comissionadas pela Art at Amtrak na NYC Penn Station, Nova York (2023); MTA Arts & Design na Nostrand Avenue LIRR Station, Brooklyn (2020-); e RxART na NYC Health + Hospitals/Harlem (2019-). Seu trabalho foi apresentado em exposições coletivas notáveis, incluindo: The Culture: Hip Hop and Contemporary Art in the 21st Century, Baltimore Museum of Art (2023); Packaged Black: Derrick Adams & Barbara Earl Thomas, Henry Art Gallery, Seattle (2022); Textures: The History and Art of Black Hair, Kent State University Museum (2021-2022); e Performa, Nova York (2015, 2013, 2005). Seus trabalhos fazem parte das coleções de diversos museus, incluindo: Brooklyn Museum, Metropolitan Museum of Art, Studio Museum in Harlem e Whitney Museum of American Art, Nova York; Virginia Museum of Fine Arts, Richmond; e Birmingham Museum of Art, entre muitos outros.

Derrick Adams (Baltimore, 1970) is a multidisciplinary artist living and working in Brooklyn, New York. He received his BFA from Pratt University in 1996 and graduated with an MFA from Columbia University in 2003. Adams celebrates and expands the dialogue around contemporary Black life and culture through scenes of normalcy and perseverance. He has developed an iconography of joy, leisure, and the pursuit of happiness within a practice that encompasses paintings, sculptures, collages, performances, videos, and public projects. Adams synthesizes representational imagery with planar Cubist geometry to produce multifaceted figures and faces that address the richness of the Black experience. In 2022, Adams established Charm City Cultural Cultivation, an organization to support and encourage underserved communities in the city of Baltimore through events conducted by three entities: The Last Resort Artist Retreat, a residency program; The Black Baltimore Digital Database, a collaborative counter-institutional space for collecting, storing, and safekeeping data of local archival initiatives; and Zora's Den, an online community of Black women writers.

The artist has held solo exhibitions at institutions such as The Cleveland Museum of Art (2022); Hudson River Museum, Yonkers (2020); and the Museum of Arts and Design, New York (2018). The artist has mounted public installations commissioned through Art at Amtrak at NYC Penn Station, New York (2023); MTA Arts & Design at the Nostrand Avenue LIRR Station, Brooklyn (2020–ongoing); and RxART at NYC Health + Hospitals/Harlem (2019–ongoing). His work has been featured in notable group exhibitions including: The Culture: Hip Hop and Contemporary Art in the 21st Century, Baltimore Museum of Art (2023); Packaged Black: Derrick Adams & Barbara Earl Thomas, Henry Art Gallery, Seattle (2022); Textures: The History and Art of Black Hair, Kent State University Museum (2021–2022); and Performa, New York (2015, 2013, 2005). His work is part of the collection of The Brooklyn Museum, The Metropolitan Museum of Art, The Studio Museum in Harlem and the Whitney Museum of American Art, New York; the Virginia Museum of Fine Arts, Richmond; and the Birmingham Museum of Art, among many others.

Derrick Adams

Style Variation 1 (Afro), 2020

serigrafia, jato de tinta, verniz acrílico com brilho

screen print, archival inkjet, acrylic gloss varnish

68,58 x 50,8 cm, ed. 50 AP 3/8

27 x 20 in



Derrick Adams

Style Variation 2 (Waves), 2020

serigrafia, jato de tinta, verniz acrílico com brilho

screen print, archival inkjet, acrylic gloss varnish

68,58 x 50,8 cm, ed. 50 AP 3/8

27 x 20 in





Derrick Adams
Style Variation 3 (High Top), 2020
serigrafia, jato de tinta, verniz acrílico com brilho
screen print, archival inkjet, acrylic gloss varnish
68,58 x 50,8 cm, ed. 50 AP 3/8
27 x 20 in



Derrick Adams
Style Variation 4 (Beard), 2020
serigrafia, jato de tinta, verniz acrílico com brilho
screen print, archival inkjet, acrylic gloss varnish
68,58 x 50,8 cm, ed. 50 AP 3/8
27 x 20 in





Serge Attukwei Clottey

Serge Attukwei Clotney (Accra, Gana, 1985) emprega principalmente materiais encontrados em sua cidade natal, Acra, onde ele vive e trabalha, criando um diálogo com a história e a identidade cultural da capital. Utilizando objetos do cotidiano como tela – galões Kufuor descartados, pneus de carro e madeira de barco reciclada –, ele inscreve padrões e textos que transformam os materiais diversos em símbolos do sistema econômico vernacular de Gana baseado na troca e no reuso. A celebração dos galões amarelos (inicialmente usados como recipientes de óleo de cozinha e depois reciclados para coletar água ou combustível), aplicada em todo o trabalho de Clotney, decorre de um desejo de encontrar maneiras de inspirar as pessoas a trabalhar com plásticos e reciclá-los de maneira criativa. Isso se tornou um tema central em toda sua obra, e o artista nomeou essa prática distinta de "Afrogallonism". O posicionamento econômico de Clotney permeia tanto suas pinturas quanto suas esculturas. Ele usa cortiça em suas pinturas, um material que muda com a exposição prolongada ao sol. Além disso, mantendo o tema da preocupação com a cultura e a história de sua cidade, a cortiça é usada com frequência em igrejas e em torno de sua cidade natal para divulgar informações.

Entre suas principais exposições coletivas e individuais estão: Time and Chance, 18th International Architecture Exhibition – La Biennale di Venezia, Veneza (2023); Afroprophetic: Art transforming minds and nature, Christie's, Londres (2023); Color of the Times, LeeAhn Gallery, Daegu (2022); Erased Past, Brigade, Copenhagen (2022); Stimulation of Consciousness, Duarte Sequeira, Braga (2022); Beyond Skin, Simchowit, Los Angeles (2021); Sensitive Balance, Gnyp, Berlim (2020); Radical Revisionists, The Moody Center, Rice University, Houston (2020); Sometime In Your Life, Lorenzelli Arte, Milão (2019), entre outras. Suas obras integram as coleções de diversas instituições, incluindo: Museum of African Contemporary Art Al Maaden, Marrakesh; Kunstmuseum Arnhem; USA The World Bank Collection, Washington DC; Modern Forms, Reino Unido; Nubuke Foundation, Acra; e Seth Dei Foundation, Acra.

Serge Attukwei Clotney (Accra, Ghana, 1985) attended the Ghanatta College of Art and Design in Ghana before studying at the Escola Guinard University of Art in Brazil. He primarily employs found materials from his hometown in Accra – where he lives and works – in order to create a dialogue with the city's cultural history and identity. Utilizing everyday objects such as discarded Kufuor gallons, car tires, and recycling boat wood as his canvas, he inscribes patterns and texts that uplift the miscellaneous materials into symbols of Ghana's vernacular economic system of trade and reuse. The celebration of the yellow gallon containers (initially used as cooking oil canisters and then recycled to collect water or fuel) applied throughout Clotney's work, stems from a desire to find ways to inspire people to work with plastics and recycle it in creative ways. This has become a prominent motif throughout the artist's oeuvre, as he named this distinctive practice 'Afrogallonism'. Clotney's economic stance permeates his paintings as well as his sculptures. He employs cork in his paintings, a material that changes with prolonged exposure to the sun. Additionally, keeping in theme with the artist's concern for his city's culture and history, cork is often used in churches and around his hometown to disseminate information.

Among his group and solo exhibitions are Time and Chance, 18th International Architecture Exhibition – La Biennale di Venezia, Venice (2023); Afroprophetic: Art transforming minds and nature, Christie's, London (2023); Color of the Times, LeeAhn Gallery, Daegu (2022); Erased Past, Brigade, Copenhagen (2022); Stimulation of Consciousness, Duarte Sequeira, Braga (2022); Beyond Skin, Simchowit, Los Angeles (2021); Sensitive Balance, Gnyp, Berlin (2020); Radical Revisionists, The Moody Center, Rice University, Houston (2020); Sometime In Your Life, Lorenzelli Arte, Milan (2019), among others. His work is present in several collections, including: Museum of African Contemporary Art Al Maaden, Marrakech Kunstmuseum Arnhem; USA The World Bank Collection, Washington DC; Modern Forms, United Kingdom; Nubuke Foundation, Accra; and Seth Dei Foundation, Accra.



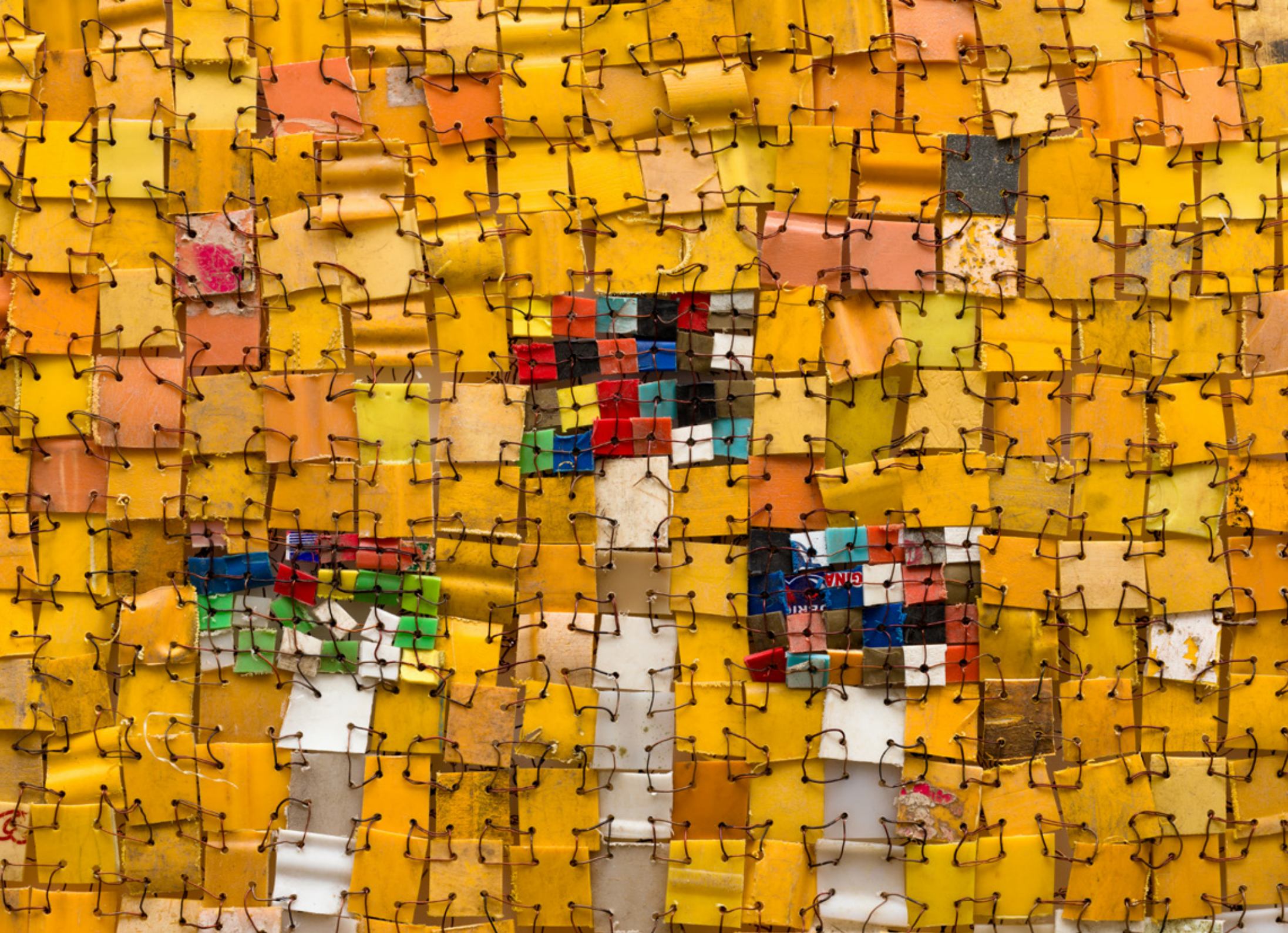
Serge Attukwei Clottey
Give me assurance, 2022
plástico e fio de cobre
plastic and copper wire
223,52 x 223,52 cm
88 x 88 in



bbath is
God
Virus Vaccine
Before 2-year
Callitrova



Serge Attukwei Clottey
Flower Vase I, 2022
plástico e fio de cobre
plastic and copper wire
129.54 x 96.52 cm
51 x 38 in







Zéh Palito (Limeira, 1986) começou a se envolver com a pintura de rua, murais e grafite no interior paulista, atividade que fortalece as comunidades locais e tem como pauta questões sociais prementes. Seu interesse por esse viés público da pintura o levou a expandir sua pesquisa a outros países, realizando viagens e temporadas na África e nos Estados Unidos. Combinando sua formação acadêmica como designer e as experiências da pintura em murais, ampliou ainda mais seus estudos sobre cor, técnica, composição e a vetorização, recursos que ainda influenciam as suas escolhas na atual linguagem pictórica. Com frequência, o ponto de partida para realização de suas obras é a representação de minorias étnicas e sociais, com destaque para a presença de pessoas negras e indígenas, em ambientes envolvidos por elementos que remontam ao tropicalismo brasileiro, com presença marcante de frutas e matizes fantásticas. Em paralelo, também lança mão de uma iconografia muito midiática, incluindo imagens de sneakers, roupas e marcas, carros e outros objetos.

Participou de exposições como X PINK 101, X Museum, Pequim (2023); The Culture - Hip Hop & Contemporary Art in the 21st Century, Baltimore Museum of Art (2023); Eu sei por que o pássaro canta na gaiola, Simões de Assis, São Paulo (2022); Color of the times, Leeahn Gallery, Seoul (2022); Quilombo: vidas, problemas e aspirações do negro, Instituto Inhotim, Brumadinho (2022); When We See Us: A Century of Black Figuration in Painting, Zeitz MOCAA, Cidade do Cabo (2022); Winner Takes All, com curadoria de Amoako Boafo e Larry Ossei-Mensah, Marianne Boesky Gallery, Nova York (2022); Encruzilhada, com curadoria de Ayron Heráclito e Daniel Rangel, MAM Bahia, Salvador (2022); Regarde-moi, Galerie Perrotin, Paris (2022); Untouchable Negritude, Luce Gallery, Turim (2021); Tropical Diaspora, Eubie Blake Cultural Center, Baltimore (2020), entre outras. Suas obras fazem parte de importantes coleções, como Instituto Inhotim, Brumadinho; The Xiao Museum of Contemporary Art, Rizhao; X Museum, Pequim; Institute of Contemporary Art, Miami; Rennie Museum, Vancouver; e Baltimore Museum of Art.

Zéh Palito (Limeira, 1986) first became involved with street painting, murals, and graffiti in the countryside of São Paulo, an activity that strengthens local communities and addresses pressing social issues. His interest in this public aspect of painting led him to expand his research to other countries, making trips and spending time in Africa and the United States. Combining his academic training as a designer and the experiences of painting murals, he further expanded his studies on color, technique, composition, and vectorization, resources that still influence his choices in his current pictorial language. Often, the starting point for his works is the representation of ethnic and social minorities, with emphasis on the presence of black and indigenous people, in environments surrounded by elements that are reminiscent of Brazilian tropicalism, with a strong presence of fruits and fantastic hues. In parallel, he also makes use of a media-based iconography, including images of sneakers, clothes and brands, cars and other objects.

He participated in exhibitions such as X PINK 101, X Museum, Beijing (2023); The Culture - Hip Hop & Contemporary Art in the 21st Century, Baltimore Museum of Art (2023); I know why the caged bird sings, Simões de Assis, São Paulo (2022); Color of the times, Leeahn Gallery, Seoul (2022); Quilombo: vidas, problemas e aspirações do negro, Instituto Inhotim, Brumadinho (2022); When We See Us: A Century of Black Figuration in Painting, Zeitz MOCAA, Cape Town (2022); Winner Takes All, curated by Amoako Boafo and Larry Ossei-Mensah, Marianne Boesky Gallery, New York (2022); Encruzilhada, curated by Ayron Heráclito and Daniel Rangel, MAM Bahia, Salvador (2022); Regarde-moi, Galerie Perrotin, Paris (2022); Untouchable Negritude, Luce Gallery, Turin (2021); Tropical Diaspora, Eubie Blake Cultural Center, Baltimore (2020), among others. His works are part of important collections such as Instituto Inhotim, Brumadinho; The Xiao Museum of Contemporary Art, Rizhao; X Museum, Beijing; Institute of Contemporary Art, Miami; Rennie Museum, Vancouver; and Baltimore Museum of Art.



Zéh Palito
Along the way to Illinois, 2023
acrílica sobre tela
acrylic on canvas
129 x 160 cm
50 ²⁵/₃₂ x 62 ⁶³/₆₄ in



April Bey



April Bey (New Providence, 1987) é uma artista visual e arte-educadora que vive e trabalha em Los Angeles. A obra de Bey é interdisciplinar, tecendo uma crítica introspectiva e social da cultura americana e das Bahamas, do feminismo, da teoria geracional, das mídias sociais, do AfroFuturismo e do AfroSurrealismo, do pós-colonialismo e das construções de raça dentro de sistemas supremacistas. Seu trabalho é baseado na verdade fundamental de que sistemas e atitudes não precisam ser do jeito que são. De certa forma, sua produção é mais prática do que fantástica, pois ela escreve e ilustra um plano que atinge objetivos diaspóricos. Por meio de sua abordagem estética e conceitual, Bey quebra as falsas limitações impostas pelas artes visuais e pela sociedade, expandindo, fundindo e redefinindo categorias e mídias. Suas peças são extremamente trabalhadas, com profundo cuidado até mesmo nos materiais usados, incorporando tecidos e elementos provenientes de empresas lideradas por mulheres negras.

Bey realizou várias exposições individuais, incluindo: "Picky Head", Liquid Courage Gallery, Nassau (2017); "COMPLY", Coagula Curatorial, Los Angeles (2017); "Made in Space", Band of Vices Gallery, Los Angeles (2018); "Welcome to Atlantica", Fullerton College Art Gallery, Fullerton (2020); "Atlantica: The Gilda Region", The California African American Museum, Los Angeles (2021); "The Opulent Blerd", The Museum of Art and History, Lancaster (2022); "When You're on Another Planet and They Just Fly", Gavlak Gallery, Los Angeles (2022); e "I Believe in Why I'm Here", Simon Lee Gallery, Londres. Bey já expôs em mostras coletivas como as bienais NE7, NE8 e NE9 nas Bahamas, e também em países como Itália, Espanha e Gana. Seu trabalho está presente em várias coleções: California African American Museum, Los Angeles; Inter-American Development Bank, Washington DC; National Art Gallery of The Bahamas, Nassau; Center for Contemporary Printmaking, Norwalk; Fullerton College Art Gallery; Museum of Art and History, Lancaster; entre outras.

April Bey (New Providence, 1987) is a visual artist and art educator who lives and works in Los Angeles. Bey's interdisciplinary artwork is an introspective and social critique of American and Bahamian culture, feminism, generational theory, social media, AfroFuturism, AfroSurrealism, post-colonialism and constructs of race within supremacist systems. Bey's work is grounded in the fundamental truth that systems and attitudes don't need to be the way they are. In a way, her production is more practical than it is fantastical, as she is writing and illustrating a plan that achieves diasporic goals. Through her aesthetic and conceptual approach, Bey breaks down the false limitations set by visual arts and society, by expanding, melting, and redefining categories and mediums. Her works are extremely labor intensive, with demonstrative care even in the materials used, incorporating fabrics and elements sourced from Black femme-owned businesses.

Bey has held several solo exhibitions, including: "Picky Head", Liquid Courage Gallery, Nassau (2017); "COMPLY", Coagula Curatorial, Los Angeles (2017); "Made in Space", Band of Vices Gallery, Los Angeles (2018); "Welcome to Atlantica", Fullerton College Art Gallery, Fullerton (2020); "Atlantica: The Gilda Region", The California African American Museum, Los Angeles (2021); "The Opulent Blerd", The Museum of Art and History, Lancaster (2022); "When You're on Another Planet and They Just Fly", Gavlak Gallery, Los Angeles (2022); and "I Believe in Why I'm Here", Simon Lee Gallery, London. Bey has exhibited in groups shows such as biennials NE7, NE8 and NE9 in The Bahamas and in Italy, Spain and Ghana. Bey's work is featured in various collections: California African American Museum, Los Angeles; Inter-American Development Bank, Washington DC; National Art Gallery of The Bahamas, Nassau; Center for Contemporary Printmaking, Norwalk; Fullerton College Art Gallery; Museum of Art and History, Lancaster; among others.

April Bey

Supposed to Have a Thousand Dollar Get
Out of Your Pocket Every Bloodclaat Week
and Me Hole Good Like That, 2023

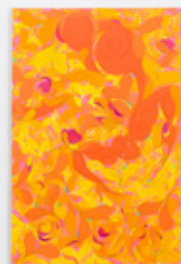
têxteis: sherpa, jacquard, brocado, contas de
rabo de cavalo, costura manual, sintografia
textiles: sherpa, jacquard, brocade, ponytail
beads, hand-sewing, synthography

208,28 x 114,3 cm

82 x 45 in







Deborah Roberts



Deborah Roberts (Austin, 1962) combina colagem com técnicas mistas, criando obras figurativas que retratam a complexidade do sujeito negro e exploram temas de raça, identidade e políticas de gênero. O uso da colagem por Roberts reflete os desafios enfrentados por crianças negras jovens que se esforçam para construir sua identidade, especialmente quando respondem a construções sociais preconcebidas perpetuadas pela comunidade negra, pelo olhar branco e pela cultura visual em geral. Combinando uma variedade de diferentes características faciais, tons de pele, penteados e roupas, Roberts cria uma visão mais expansiva e inclusiva da experiência cultural negra. A prática de Robert é um comentário social, visto como a artista critica as percepções de beleza ideal, de modo que os estereótipos e os mitos sejam desafiados, criando um diálogo entre as ideias de inclusão, dignidade, consumo e subjetividade. A imagem idealizada da Vênus é questionada, abrindo espaço para mulheres de cor que não estão incluídas nessa definição.

A artista participou em projetos coletivos no Hirshhorn Museum & Sculpture Park, Washington DC (2022); Modern Art Museum of Fort Worth (2022); Virginia Museum of Fine Arts, Richmond (2021); Scottish National Galleries, Edimburgo (2021); Van Every/ Smith Galleries, Davidson College (2020); Pérez Art Museum, Miami (2020); Somerset House, Londres (2019) e The Studio Museum in Harlem, Nova York (2017). O trabalho de Roberts está presente em importantes coleções públicas, incluindo Scottish National Galleries, Edimburgo; Brooklyn Museum, Nova York; Dallas Museum of Art; Hammer Museum, Los Angeles; He Art Museum, Guangdong, China; Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, Washington DC; Los Angeles County Museum of Art; Institute of Contemporary Art, Boston; Modern Art Museum of Fort Worth; Museum of Fine Arts, Boston; San Francisco Museum of Modern Art; Smithsonian National Museum, Washington DC; Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York; The Studio Museum in Harlem, Nova York; e Whitney Museum of American Art, Nova York.

Deborah Roberts (Austin, 1962) combines collage with mixed media, creating figurative works that depict the complexity of Black subjecthood and explore themes of race, identity and gender politics. Roberts' use of collage reflects the challenges encountered by young Black children as they strive to build their identity, particularly as they respond to preconceived social constructs perpetuated by the Black community, the white gaze and visual culture at large. Combining a range of different facial features, skin tones, hairstyles and clothes, Roberts creates a more expansive and inclusive view of the Black cultural experience. Robert's practice is a social commentary, as she critiques perceptions of ideal beauty, in a way that stereotypes and myths are challenged creating a dialogue between the ideas of inclusion, dignity, consumption, and subjectivity. The idealized icon of the Venus is challenged, making room for women of color who are not included in this definition.

The artist has been included in group shows at Hirshhorn Museum & Sculpture Park, Washington DC (2022); Modern Art Museum of Fort Worth, (2022); Virginia Museum of Fine Arts, Richmond (2021); Scottish National Galleries, Edinburgh (2021); Van Every/ Smith Galleries, Davidson College (2020); Pérez Art Museum, Miami (2020); Somerset House, London (2019) and The Studio Museum in Harlem, New York (2017). Roberts' work is part of significant public collections including Scottish National Galleries, Edinburgh; Brooklyn Museum, New York; Dallas Museum of Art, Texas; Hammer Museum, Los Angeles; He Art Museum, Guangdong, China; Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, Washington DC; Los Angeles County Museum of Art; Institute of Contemporary Art, Boston; Modern Art Museum of Fort Worth; Museum of Fine Arts, Boston; San Francisco Museum of Modern Art; Smithsonian National Museum, Washington DC; Solomon R. Guggenheim Museum, New York; The Studio Museum in Harlem, New York; and Whitney Museum of American Art, New York.



Deborah Roberts
Mis-Education of Mimi Series, 2013
colagem técnica mista sobre papel
mixed media collage on paper
43.82 x 35.56 cm
17 ¼ x 14 in



Deborah Roberts
Practicing Patience, 2019
serigrafia sobre papel
silk screen on paper
55,88 x 34,29 cm, ed. 3/6
22 x 13 ½ in



Mestre Didi



Mestre Didi (Salvador, 1917 – 2013) foi um sacerdote-artista que, desde a infância, criava objetos rituais associados ao Candomblé, explorando um universo em que a ancestralidade e a visão de mundo africanas se fundiam com sua experiência de vida baiana. Aprendeu com maestria a manipular os materiais simbólicos de suas obras, como as nervuras de palmeiras, os búzios, as miçangas, e as tiras de couro e tecido. Esses materiais eram articulados de modo singular na criação de peças que unem abstração e figuração, entrelaçam o divino e o profano, são alegóricas e literais. São trabalhos que traduzem uma potente cosmogonia ancestral, ao mesmo tempo que se colocam como manifestações contemporâneas da espiritualidade na arte, ressignificando a intersecção desses dois campos.

Possui trabalhos em importantes coleções como Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil; Museu de Arte Moderna de São Paulo, Brasil; and MASP, São Paulo, Brasil.

Mestre Didi (Salvador, 1917 – 2013) was a priest-artist who, since childhood, created ritual objects associated with Candomblé religion, exploring a universe in which African ancestry and worldview merged with his experience of Bahian life. He masterfully learned to manipulate the symbolic materials of his works, such as the veins of palm trees, the conchs, the beads, and the strips of leather and fabric. These materials were uniquely articulated in the creation of pieces that unite abstraction and figuration, interlacing the divine and the profane, there are allegorical and literal. These are works that translate a powerful ancestral cosmogony, at the same time that they are contemporary manifestations of spirituality in art, giving new meaning to the intersection of these two fields.

His work is part of outstanding collections, such as Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brazil; Museu de Arte Moderna de São Paulo, Brazil; and MASP, São Paulo, Brazil.

Mestre Didi

Opa Esin Nile Fun Orun - Cetro da Lança da Terra para o Além, 2007

tronco de palmeira, couro pintado, búzios e contas

palm trunk, painted leather, conch and beads

151 x 46 x 17 cm

59 ⁵/₈ x 18 ¹/₈ x 6 ⁷/₁₆ in





Larry Ossei-Mensah

Larry Ossei-Mensah é um curador e crítico cultural ganhês-americano que usa a arte e a cultura contemporâneas como um fórum para redefinir a maneira como vemos a nós mesmos e o mundo ao nosso redor. Ossei-Mensah organizou exposições, conversas e programas em espaços comerciais e sem fins lucrativos em todo o mundo, apresentando artistas como Firelei Baez, Steve McQueen, Amoako Bofo, Catherine Opie, Nick Cave, Cheryl Pope, Guadalupe Maravilla, Ebony G. Patterson, Judy Chicago, Allison Janae Hamilton, Zeh Palito e Stanley Whitney, entre outros. Os espaços globais com os quais Ossei-Mensah colaborou em exposições incluem espaços como o MOAD em São Francisco, o Contemporary Museum em Houston, MOCAD, MASS MoCA, Metropolitan Museum of Manila, LUCE Gallery Ben Brown Fine Arts em Hong Kong e Londres, MCA Denver e a 7ª Bienal de Atenas, na Grécia, da qual foi cocurador com o OSMK Social Club. Nascido no Bronx, Ossei-Mensah foi cofundador da ARTNOIR, uma organização sem fins lucrativos cuja missão é promover a igualdade racial no mundo da arte, centralizando criativos, curadores, colecionadores e comunidades de cor. "The Speed of Grace" é a primeira exposição de Ossei-Mensah no Brasil.

Larry Ossei-Mensah is a Ghanaian-American curator and cultural critic who uses contemporary art and culture as a forum to redefine how we see ourselves and the world around us. Ossei-Mensah has organized exhibitions, conversations, and programs with commercial and nonprofit spaces around the globe featuring artists such as Firelei Baez, Steve McQueen, Amoako Bofo, Catherine Opie, Nick Cave, Cheryl Pope, Guadalupe Maravilla, Ebony G. Patterson, Judy Chicago, Allison Janae Hamilton, Zeh Palito, and Stanley Whitney, to name a few. The global venues Ossei-Mensah has collaborated with on exhibitions include such spaces as MOAD in San Francisco, the Contemporary at Museum in Houston, MOCAD, MASS MoCA, Metropolitan Museum of Manila, LUCE Gallery Ben Brown Fine Arts in Hong Kong & London, MCA Denver, and the 7th Athen Biennale in Athens, Greece, which he co-curated with OSMK Social Club. A native of The Bronx, Ossei-Mensah co-founded ARTNOIR, a nonprofit whose mission is to drive racial equity in the art world by centering creatives, curators, collectors, and communities of color. The Speed of Grace will be Ossei-Mensah first exhibition in Brazil.

SIMÕES DE ASSIS

São Paulo

alameda lorena, 2050
01424-006 sp brasil
+55 11 3062-8980

Curitiba

al. carlos de carvalho 2173a
80730-200 pr brasil
+55 41 3232-2315

Balneário Camboriú

3ª avenida, esquina c/ 3.150, sala 04
88330-260 sc brasil
+55 47 3224-4676